

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
KARINA CORRÊA

**GÊNERO E LUDICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
IMPLICAÇÕES E DESAFIOS**

Florianópolis

2016

KARINA CORRÊA

**GÊNERO E LUDICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
IMPLICAÇÕES E DESAFIOS**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola vinculado ao Instituto de Estudos de Gênero do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

Orientadora: Profa. Dra. Mareli Eliane Graupe

Florianópolis

2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Corrêa, Karina
Gênero e Ludicidade na Educação Infantil / Karina
Corrêa ; orientadora, Mareli Eliane Graupe - Florianópolis,
SC, 2016.
42 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.
Curso de .

Inclui referências

1. Centro de Filosofia e Ciências Humanas-CFH. 3.
Instituto de Estudo de Gênero. 4. Gênero e Diversidade na
Escola. 5. Gênero e Ludicidade na Educação Infantil. 6.
Relações de Gênero e Infância. I. Graupe, Mareli Eliane. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. . III. Título.

KARINA BERNARDO CORRÊA

GÊNERO E LUDICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: IMPLICAÇÕES E
DESAFIOS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para
obtenção do título de Especialista em
Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

Aprovado em 19 de dezembro de 2016.

Coordenação do Curso:



Olga Regina Zigelli Carcin

Área Examinadora:



Leandro Castro Otamari



Elaine Eliane Peres de Souza



Ana Paula Cruz de Bassani

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente a DEUS, que me deu energia para concluir este trabalho.

Agradeço a minha família que me incentivou para continuar, mesmo nos momentos em que pensei em desistir, que me deu forças nos momentos em que eu estava quase sem e que esteve comigo me apoiando a cada dia.

Aos meus filhos, obrigada pela compreensão e amor, meu esposo, obrigada pela paciência e incentivo que teve comigo durante este período de dedicação aos estudos.

As minhas amigas que me apoiaram em momentos difíceis e estavam prontas a me ajudar quando mais precisei, torcendo por mim e querendo que tudo de bom acontecesse.

Agradeço a minha orientadora por toda atenção que me deu, ao longo da nossa trajetória, obrigada pelas dicas e incentivos;

Enfim, agradeço, a todas as pessoas que fizeram parte dessa etapa da minha formação.

Registro aqui um agradecimento especial pelo financiamento dado ao Curso de Especialização EAD em Gênero e Diversidade na Escola da Universidade Federal de Santa Catarina (GDE/UFSC) através do Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE) gerido pela SECADI/MEC (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação) na gestão da presidenta Dilma Rousseff (2011-2015), sem o qual seria impossível a operacionalização de um curso de dois anos de duração em cinco cidades de diversas regiões do estado de Santa Catarina.

Agradecemos, sobretudo, os investimentos que durante os últimos 13 anos possibilitaram a expansão de políticas públicas de combate a fome, ao racismo, sexismo, lesbofobia, homofobia, transfobia e ao capacitismo. Infelizmente, a conjuntura política no último ano quase impossibilitou a conclusão desta 3ª edição do GDE, sobretudo depois da extinção da SECADI, que foi criada em 2004 e que possibilitou a realização de centenas de cursos com temáticas que versavam sobre diferenças, desigualdades e direitos humanos em todo o Brasil. Uma política de governo que infelizmente não se concretizou em uma política de Estado, ao contrário, vem sendo extinguida e criminalizada por diversos setores conservadores na sociedade. Que essa especialização seja lembrada como um espaço de resistência e de luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

RESUMO

O presente estudo aborda o tema gênero na educação infantil suas implicações e desafios. É um trabalho de conclusão do curso de Gênero e Diversidade na Escola realizado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Possui como objetivo conhecer as implicações e os desafios da abordagem de gênero por meio da ludicidade na educação infantil, bem como o desenvolvimento das atividades propostas durante as aulas. O referencial teórico abarca autores/as como Vygotsky (1984), Scott (1995), Louro (1997), Grossi (1998), Sabat (2004), Stoller (1993) e outras/os. Para a realização deste estudo, uma pesquisa de caráter bibliográfico foi realizada. Também se realizou observação e intervenção em sala de aula e no pátio da escola para analisar e refletir com as crianças sobre os papéis de gênero presentes naquele contexto. Assuntos relacionados a gênero já vêm sendo questionados entre as crianças no cotidiano escolar, muitas vezes, de forma ingênua, outras vezes um tanto quanto preconceituosa, mas acreditamos que se desde cedo esse assunto for abordado com as crianças ficará mais fácil dar continuidade a essas discussões, futuramente. A pesquisa foi realizada no Centro de Educação Infantil (CEI) Pequeno Aprendiz, no Município de Praia Grande, na turma de pré-escolar, de crianças com idade entre quatro e cinco anos. Todas as atividades foram realizadas na própria instituição. O local de observação está situado em um bairro habitado por pessoas de classes populares. Segundo consta no Projeto Político Pedagógico da instituição os alunos/as são filhos de mães trabalhadoras, que usam o CEI como um lugar seguro para que as crianças permaneçam durante a sua ausência, e também filhos/as de pessoas que acreditam na qualidade dos serviços básicos e principalmente educativos oferecidos pela instituição. A pesquisa de campo ocorreu nos meses de agosto e setembro de 2016, no período vespertino, tendo a duração de dois meses entre observação da turma do pré-escolar e a intervenção com as crianças. A pesquisa foi baseada na observação da rotina escolar da educação infantil. Após as observações iniciei as intervenções com atividades lúdicas através de histórias, teatro, dinâmicas de grupo, filmes infantis e brincadeiras; com materiais da própria escola como fantoches, brinquedos, confecção de cartazes e outros materiais disponíveis. Constatei que assim como nessa turma, também na escola, não são desenvolvidas ações educativas para o enfrentamento das desigualdades de gênero e que as crianças têm uma cultura muito forte sobre o que elas consideram mais apropriado para meninos e meninas e já fazem essa separação entre elas.

Palavras-chave: Gênero. Diversidade. Educação infantil. Ludicidade.

ABSTRACT

The present study approaches the theme gender in early childhood education its implications and challenges. It is a work of conclusion of the course of Gender and Diversity in School held at the Federal University of Santa Catarina (UFSC). It aims to know the implications and challenges of the gender approach through playfulness in early childhood education, as well as the development of the activities proposed during the lessons. The theoretical framework includes authors such as Vygotsky (1984), Scott (1995), Louro (1997), Grossi (1998), Sabat (2004), Stoller (1993) and others. For the accomplishment of this study, a research of bibliographical character was realized. Observation and intervention were also carried out in the classroom and in the school yard to analyze and reflect with the children about the gender roles present in that context. Gender-related issues are already being questioned among children in school daily, often in a naive, sometimes rather prejudiced, way, but we believe that if it is addressed early on with children, it will be easier to continue these discussions , In the future. The research was carried out at the Center for Early Childhood Education (CEI), Little Apprentice, in the Municipality of Praia Grande, in the preschool class, of children aged between four and five years. All activities were carried out at the institution itself. The place of observation is situated in a neighborhood inhabited by people of popular classes. According to the Political Pedagogical Project of the institution the students are the children of working mothers, who use the CEI as a safe place for children to remain during their absence, as well as children of people who believe in the quality of basic services And mainly educational services offered by the institution. Field research was conducted in August and September 2016 in the evening, with a duration of two months between observation of the preschool class and intervention with the children. The research was based on the observation of the school routine of children's education. After the remarks I started the interventions with play activities through stories, theater, group dynamics, children's films and jokes; With school materials such as puppets, toys, posters and other materials available. I found that just as in this class, also in school, educational actions are not developed to address gender inequalities and that children have a very strong culture about what they consider most appropriate for boys and girls and already make this separation between them .

Keywords: Gender. Diversity. Child education. Ludicidade.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	GÊNERO E EDUCAÇÃO INFANTIL.....	11
2.1	CONCEITO DE GÊNERO.....	11
2.2	GÊNERO E EDUCAÇÃO INFANTIL	15
3	O GÊNERO E O LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	19
3.1	RELAÇÕES DE GÊNERO E INFÂNCIA: IDENTIDADE, PAPÉIS E ESTEREÓTIPOS	23
3.2	GÊNERO E LUDICIDADE NA ESCOLA PESQUISADA	27
3.2.1	Observação realizada na escola.....	28
3.2.2	Intervenção: descrição e reflexões	30
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
	REFERÊNCIAS	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa traz como foco gênero e educação infantil e se justifica pela necessidade de estudos a respeito do tema gênero na pré-escola, visando assim contribuir para o avanço nas discussões de gênero com crianças de quatro e cinco anos de idade em um centro de educação infantil, na cidade de Praia Grande.

Sabe-se que a escola, em especial a educação infantil, é um espaço adequado para iniciar a conscientização sobre gênero. Sabe-se que não é suficiente apenas proporcionar à criança o direito de brincar; é preciso mostrar para ela que todas podem brincar com todos os brinquedos e que todos, indiferente se menino ou menina, possuem o direito de escolher.

A escolha do tema proposto surgiu no decorrer do curso de Gênero e Diversidade na Escola, da UFSC, o qual me despertou o interesse por compreender o porquê seria importante trabalhar Gênero e Diversidade na educação infantil. Observando as crianças com as quais trabalho, percebi o quão seria relevante iniciar na educação infantil esse trabalho a respeito de gênero. As atitudes das crianças referente ao comportamento sobre ser menino ou menina foi despertando em mim o interesse em desenvolver esta pesquisa, na educação infantil.

Refletindo durante o período de realização do curso, passei a perceber a dificuldade que as pessoas têm em respeitar a diversidade que nos rodeia, sobre questões simples e que são de direitos de todos/as. Percebi como é forte o preconceito existente entre as pessoas e esse preconceito está relacionado com a cultura das pessoas, dos conhecimentos passados de suas famílias, de geração, que está enraizado e cujos valores são tão difíceis de mudar sobre as opiniões e as representações referente aos papéis de gênero para meninos e meninas. Assim esta pesquisa busca mostrar que na educação infantil é o momento apropriado para se trabalhar de maneira lúdica, as questões sobre diferenças, para mais tarde não termos adultos tão preconceituosos.

O presente trabalho enquadra-se no desenho metodológico de pesquisa qualitativa, que, segundo RAUEN, 2006, p. 163, é o tipo de pesquisa cujas características centrais são investigar a interação de indivíduos nos seus ambientes sociais, com objetivos de compreender situações específicas, em contextos particulares de interação. Como este tipo de pesquisa busca também entender o problema investigado sob a perspectiva dos/as participantes, pois envolve pesquisa de campo e descreve profundamente processos, sentidos e conhecimentos.

O trabalho tem por objetivo geral, compreender as implicações e os desafios do trabalho de Gênero na Educação Infantil por meio da ludicidade, a fim de compreender como as relações de gênero se manifestam entre as crianças no cotidiano da educação infantil e em todas as relações que se estabelecem e que interferem na constituição do jeito de ser menina e de ser menino. Pretende-se, ainda, proporcionar atividades em que as crianças possam experimentar vivências opostas as que vivenciam diariamente, com o objetivo de analisar a importância do debate sobre Gênero na Educação infantil.

Os primeiros momentos da pesquisa consistiram em buscar ferramentas metodológicas que dessem conta dos desafios de compreender os sujeitos e suas relações no espaço escolar.

No segundo momento foram feitas observações na turma a ser investigada no pré-escolar, referente a como as crianças agem entre si em relação ao sexo oposto, bem como observações sobre como brincam e interagem na sua rotina escolar. A intenção era de observar as relações que se estabelecem entre meninos e meninas no grupo em que estão inseridos, como se relacionam diante das diferenças, como reagem diante de uma colocação diferente da sua, o que gostam de fazer, de brincar, com quem se relacionam na escola, com quem se identificam e até o comportamento dos pais em relação aos seus/suas filhos/filhas na hora da chegada e saída da escola.

No terceiro momento aconteceu a intervenção com brincadeiras e dinâmicas diversificadas selecionadas para a realização delas. Considerando os desejos das crianças, foram proporcionadas diferentes situações sobre o assunto gênero, em que tratei de observar como reagem entre si, finalizando com uma conversa com as crianças de maneira lúdica sobre gênero.

Este trabalho está organizado seguinte forma: no primeiro capítulo faço a abordagem sobre gênero e educação infantil. Nesse capítulo apresento a educação infantil, sua importância e seus benefícios na vida escolar da criança, valorizando o que esse período educacional pode proporcionar ao desenvolvimento físico, afetivo, social e cognitivo. Ainda nesse capítulo, abordo a educação infantil, como primeira etapa da educação básica, que marca o início da experiência discente das crianças, quando elas terão oportunidade de conviver em um grupo social mais amplo, em uma instituição com características diferentes das do meio familiar. O conceito de Gênero é contextualizado dentro desse capítulo, quando algumas autoras como Louro (1997), Scott, (1995), Willians (1995) e Mirian Grossi (2010) entre outras, são referidas. Dessas autoras foram escolhidos elementos que me possibilitaram sustentar as relações de gênero como categoria de análise.

No capítulo seguinte abordo a questão do Lúdico na Educação Infantil e apresento a importância que tem a ludicidade dentro da escola e como ela é eficaz nas atividades e propostas. Procurei mostrar que através da brincadeira e do brincar, podemos desenvolver diversas atividades com os alunos, de maneira lúdica e prazerosa.

As relações de gênero na infância, as questões de identidade, papéis e estereótipos são abordadas ainda nesse capítulo em que considerei que a construção das relações de gênero se estabelece na infância. Busquei elementos para demonstrar que os demarcadores de gênero estão presentes na pré-escola, e que os estereótipos já estão inseridos desde o nascimento da criança, menino/menina.

Nas considerações finais abordei ideias que, derivadas da pesquisa prática, poderão contribuir para outros estudos e discussões sobre gênero na educação infantil e até mesmo para o surgimento de novas investigações.

2 GÊNERO E EDUCAÇÃO INFANTIL

A educação infantil é a primeira etapa na vida escolar de uma criança. É lá que elas têm os primeiros contatos com os conhecimentos de sua vida escolar. Na educação infantil as crianças podem passar a maior parte do tempo com outras crianças, quando se iniciam os novos conhecimentos e as novas descobertas. Assim, neste capítulo abordo a importância da educação infantil, enfatizando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Infantil.

No que concerne à abordagem de Gênero na Educação Infantil, procuro mostrar que é necessário inicialmente entendermos o conceito de gênero para percebermos que é importante abordar este assunto desde a educação infantil, uma vez que essa é a etapa inicial da escolarização e por isso deve ser a etapa inicial para começar, de maneira lúdica, a trabalhar os assuntos referentes a gênero e diversidade.

2.1 CONCEITO DE GÊNERO

Ao estudar gênero, não podemos observar somente pela perspectiva do feminino, mas também do masculino e, além disto, podemos verificar as relações sociais existentes e o momento histórico que ambos estão envolvidos.

Segundo Guacira Lopes Louro (1997) e Joan Scott (1995), a partir dos estudos feministas e pós-estruturalistas o conceito de gênero sofreu inúmeras modificações e transformações, passando a não se pautar somente nas diferenças biológicas e sexuais, mas em variadas representações que os corpos adquirem no seu contato com a cultura.

[...] gênero se constitui na prática social que se dirige aos corpos. O conceito pretende se referir ao modo como as características sociais são compreendidas e representadas. Na medida em que o conceito afirma o caráter social do feminino e do masculino obriga [...] levar em consideração as distintas sociedades e os distintos momentos históricos. [...] o conceito passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos (LOURO, 1997, p. 22-23).

Na medida em que o conceito afirma o caráter social do feminino e do masculino, obriga aquelas/es que o empregam a levar em consideração as distintas sociedades e os

distintos momentos históricos de que estão tratando. Para Deborah Thomé Sayão (2003, p. 71):

A partir dos estudos de gênero podemos desconstruir as hierarquias, as diferenças e formas de dominação de uns/umas sobre os outros/as. Dessa forma, gênero permite questionar os dualismos tão naturalizadas e enraizadas em nossa cultura, como por exemplo: menino/menina, homem/mulher, público/privado, forte/fraco, superior/inferior, etc.

Débora Sayão ainda nos diz que o conceito de gênero não trata somente das mulheres, mas também dos homens. Apesar das relações tensas entre gênero e os movimentos sociais, é possível atrelar o tema gênero às questões políticas.

Para Louro (1997, p. 77), gênero refere-se “ao modo como as diferenças sexuais são compreendidas numa dada sociedade, num determinado grupo, em determinado contexto”. Isso quer dizer que não é propriamente a diferença sexual – de homens e mulheres – que delimita as questões de gênero, e sim as maneiras como ela é representada na cultura através do modo de falar, pensar ou agir sobre o assunto.

Para Joan Scott (1995), o gênero legitima, constrói as relações sociais entre os sexos, pois é a forma de dar sentido às relações. Como definido pela autora: “o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 90).

Para Sayão (2003), se admitirmos essa junção, poderemos relacionar os estudos de gênero aos estudos sobre infância, no sentido de buscar uma política que tenha como objetivo combater as concepções que entendem as crianças como seres que não possuem a capacidade de defender seus interesses, da mesma forma como as mulheres foram excluídas, ao longo da história da humanidade.

Quando pensamos na convivência cotidiana de meninos e meninas em instituições coletivas, vemos como é importante incluir no currículo escolar a proposta de trabalhar gênero desde a educação infantil, abordando de maneira lúdica os assuntos, para diminuir o preconceito e os tabus existentes. Assim, o trabalho docente na educação infantil é fundamental e eficaz, pois uma vez que está no currículo escolar, é papel dos/as professores/as passar esses conhecimentos para as crianças, já iniciando os primeiros contatos da criança com a diversidade que está ao seu redor, ajudando a desmistificar tabus já existentes na vida delas.

Foi observando a turma do pré-escolar que o interesse sobre refletir mais sobre Gênero na Educação Infantil me despertou. Foi percebendo o comportamento diário desses alunos/as

que passei a pensar: por que não trabalhar sobre gênero na educação infantil? Mas como posso incluir atividades que proporcionem vivências simples para as crianças? Assim, com essas indagações iniciei as observações na minha turma do Centro de Educação Infantil Pequeno Aprendiz, no ano de 2016.

A proposta era de compreender como as relações de gênero se manifestam entre o alunas/os no cotidiano da escola e nas demais relações que se estabelecem no cotidiano escolar e que interferem na constituição do jeito de ser menina e de ser menino das crianças observadas. Busquei analisar os elementos culturais que influenciam as interações das crianças e discutir alguns caminhos para pensar as questões de gênero.

O gênero é uma das primeiras categorias sociais pelas quais as crianças se reconhecem enquanto meninas e/ou meninos. Mais especificamente, por volta dos três anos de idade, a maioria das crianças já conhece sua própria identidade de gênero. As crianças pequenas aprendem sobre muitos papéis associados aos gêneros por intermédio de seus pais. Alguns pais esperam atitudes, comportamentos e interesses diferentes dos seus filhos e filhas. Com seus comentários, comportamentos e escolha de brinquedos e atividades, direta ou indiretamente, eles ensinam às crianças o que é apropriado para meninos e meninas.

As crianças também constroem seu próprio desenvolvimento de gênero. Geralmente, aos três anos de idade, elas preferem brinquedos estereotipados para seu sexo. Após terem se rotulado como meninos ou meninas, as crianças começam a tentar identificar as atividades, comportamentos e aparência de outras crianças do mesmo gênero.

Muitas crianças preferem brincar com pares do mesmo gênero. Essa preferência aumenta quando elas começam a frequentar a escola. As crianças que têm oportunidades de brincar em grupos com crianças de diferentes gêneros desenvolvem as habilidades necessárias para interagir com meninos e meninas.

Segundo Mirian Pilar Grossi, a escola desempenha um papel importante na construção das identidades de gênero e das identidades sexuais, pois, como parte de uma sociedade que discrimina, ela produz e reproduz desigualdades de gênero, raça, etnia, classe no seu cotidiano escolar (GROSSI, 2010).

A compreensão do conceito de gênero nos permite ampliar as discussões dos papéis sexuais e das funções que homens e mulheres desempenham na sociedade, pois existe uma pluralidade nas formas de existir, imbricadas no contexto sociocultural. Enquanto categoria de análise, o gênero se afasta da ênfase de determinismo biológico, assumindo uma perspectiva histórica e relacional dos sexos (LOURO, 2011). Nesse sentido, o conceito de gênero foi

elaborado para evidenciar que o sexo anatômico não é o elemento definidor das condutas da espécie humana.

A discussão sobre Gênero possibilita o reconhecimento das diferenças culturais, sociais e históricas entre as/os alunas/os. Podemos notar também que nos filmes infantis que são passados na pré-escola que o lugar destinado para a mulher é o de esposa, mãe; e o lugar do homem é o de líder. Também os desenhos e músicas já incentivam as crianças a agirem de forma determinante na construção do ser mulher e homem. Por esse motivo, vê-se a importância de se trabalhar em uma perspectiva pedagógica que valorize a diversidade na escola, pois é importante trabalhar em sala de aula hoje para não termos problemas na sociedade amanhã. Se desde pequenos, na educação infantil, trabalharmos o tema gênero com as crianças, estaremos contribuindo para a formação dos conceitos e a aquisição de conhecimentos e informações sem preconceitos, de forma gradativa na formação de cada sujeito.

Portanto, é necessário que nós enquanto educadoras e educadores tenhamos uma visão plural de educação para podermos entender o processo de construção pelo qual nos constituímos cotidianamente, além de, no ambiente escolar, criar condições para se desenvolver discussões referentes ao gênero, tendo como objetivo “aumentar nossas possibilidades de educar sujeitos para uma sociedade na qual a diferença seja vista com respeito e não como um problema a ser resolvido” (SABAT, 2004, p. 105).

A educação infantil é um local de socialização e interação de crianças e é lá que elas buscam as informações e os conhecimentos. É nesse contexto, então, que devemos investir na abordagem de gênero, pois elas chegam com os conhecimentos e conceitos trazidos de casa e é o momento de ajudarmos a transformar e evoluir esses conceitos que, muitas vezes, são preconceituosos.

As questões de gênero é tema de debate extremamente relevante pois, quando falamos de gênero, estamos considerando a dimensão sócio histórica e cultural da relação da mulher e do homem nas manifestações de poder entre eles. O estudo de gênero implica, necessariamente, a importância de se examinar o lugar ocupado pelas mulheres e pelos homens, pelas meninas e pelos meninos, em diferentes campos teóricos. A sociedade trata desigualmente esses sujeitos, atribuindo e constituindo processos de hierarquização conforme as posições que ocupem ou osem ocupar, que são interpretadas segundo as construções de gênero determinadas socialmente e que vão se tornando “naturais” nos discursos da família, da escola, da mídia, das demais instituições que elegem e atribuem significados, símbolos e diferenças entre a mulher (feminilidade) e o homem (masculinidade).

2.2 GÊNERO E EDUCAÇÃO INFANTIL

Nesta seção busco refletir sobre a escola como um espaço de construção de conhecimento e de desenvolvimento do espírito crítico, onde se formam sujeitos, corpos e identidades. A escola torna-se uma referência para o reconhecimento, respeito, acolhimento, diálogo e convívio com a diversidade. É um local de questionamento e aprendizagem onde devem ser trabalhados todos os assuntos referentes ao ser humano, assim como assuntos relacionados a gênero e a diversidade para que os alunos saibam respeitar as diferenças. A escola deve ser um local onde não haja desigualdades, opressão e sofrimento.

Desde que a educação infantil passou a ser reconhecida como um direito da criança na Constituição Federal Brasileira, de 1988 (BRASIL, 1988), ela tem sido alvo de uma incessante luta pela formação de sua identidade coexistindo a dualidade entre o cuidar e o educar.

Segundo Kuhlmann (2000), essa dualidade pode ser compreendida pelo processo histórico pelo qual a Educação Infantil passou, tendo como um de seus maiores destaques, o caráter assistencialista que se perpetuou durante um longo período de sua existência. As consequências desse percurso ainda são descritas por autoras/es que elegem como objeto de estudo esse nível de ensino.

Kramer (2008, p. 54) afirma que uma das grandes lutas em relação à Educação Infantil é a de que o aspecto pedagógico seja considerado, tendo em vista as escolhas feitas principalmente em relação ao como lidar com igualdades e diferenças que fazem parte da dimensão política.

Sabendo que o olhar sobre a diferença e diversidade orienta nossas práticas como docente e que meninos e meninas são educados desde a mais tenra idade para que suas ações correspondam a modelos pré-determinados, percebe-se que é preciso ir conversando sobre essas diferenças de maneira lúdica pois as interações e experiências influenciam na vida das crianças.

É partindo desse olhar sobre o respeito às diferenças que podemos trabalhar. Os modelos de educação infantil variam em diferentes contextos históricos e em diferentes culturas, mas, em geral, os processos de formação estão orientados pela ideia de “diferença” – porque ser homem é diferente de ser mulher e pela ideia de “desigualdade” – em que ser homem é melhor do que ser mulher e ser menino é diferente de ser menina.

Todas essas interações possuem um sentido educativo e são constitutivas do trabalho docente na Educação Infantil. Se, na escola, historicamente, o conhecimento sob a forma de disciplinas ou áreas do conhecimento tem sido o motor que dinamiza seu movimento, na educação de zero a cinco anos e 11 meses de idade são as relações entre os sujeitos – adultos/crianças e crianças/crianças – que conferem sentido à existência das instituições educativas.

Rocha (2002, p. 78) afirma que:

[...] a creche e a pré-escola diferenciam-se essencialmente da escola quanto às funções que assumem num contexto ocidental contemporâneo [...] enquanto a escola se coloca como o espaço privilegiado para o domínio dos conhecimentos básicos, as instituições de Educação Infantil se põem, sobretudo com fins de complementaridade à educação da família. Portanto, enquanto a escola tem como sujeito o aluno, e como objeto fundamental o ensino nas diferentes áreas, através da aula; a creche e a pré-escola têm como objeto as relações educativas travadas num espaço de convívio coletivo que tem como sujeito a criança de 0 a 6 anos de idade [...].

Desse modo, vemos a importância que tem a Educação Infantil, pois os conhecimentos nessa fase da educação estão situados na esfera da totalidade do ser humano. O corpo, o movimento, as emoções, as diferentes linguagens, entre outros elementos, são instrumentos de apreensão da cultura e, por essa razão, a educação das crianças pequenas diferencia-se daquele presente na escola tradicional. As crianças e as relações educativas estão permanentemente sendo transformadas quando os sujeitos delas participantes são concebidos como seres históricos e todos/as possuidores/as de conhecimentos. Ou seja, a relação não se limita a um/a professor/a que ensina e um/a aluna/o que aprende.

A Constituição de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996, garantem às crianças de 0 a 6 anos o direito de serem educadas fora de casa em creches e pré-escolas (VIANNA; UNBEHAUM, 2006). A educação infantil, como primeira etapa da educação básica, marca o início da experiência discente, quando as crianças terão oportunidade de conviver em um grupo social mais amplo, em uma instituição com características diferentes das do meio familiar. Essa etapa é palco de inscrições intelectuais, sociais e psicológicas. No convívio com os outros – educadores e colegas –, o corpo ganha destaque: os gestos, os movimentos e as posturas são alinhavados socialmente; ganham determinado lugar e uma imagem, segundo padrões de conduta e valores culturais em que cada criança se insere.

Na educação infantil, as crianças podem passar a maior parte do tempo em contato com outras crianças. É nessa relação singular que o protagonismo da criança ganha destaque e que a potencialidade do convívio, em suas diversas formas de relações, pode propiciar uma nova interação. Trata-se de um universo com características próprias, voltadas para crianças pequenas. Uma formatação com espaços, tempos, organizações e práticas construídos no seio das intensas relações entre crianças e entre crianças e adultos. Segundo Ana Lúcia Goulart de Faria (2006, p. 87):

[...]neste espaço da sociedade vivemos as mais distintas relações de poder: gênero, classe, idade, étnicas. Desse modo é necessário estudar as relações no contexto educativo da creche e pré-escolas onde confrontam-se adultos - entre eles, professor/a, diretora, cozinheira, guarda, pai, mãe, secretário/a de educação, prefeito/a, vereador/a, etc.-; confrontam-se crianças, entre elas: menino, menina, mais velha, mais nova, negra, branca, judia, com necessidades especiais, pobre, rica, de classe média, católica, umbandista, atéia, "café com leite", "quatro olhos", etc.; e confrontam-se adultos e crianças - a professora e as meninas, a professora e os meninos, o professor (percentual bastante baixo, mas existente e com tendência a lento crescimento) e os meninos, o professor e as meninas, o professor e a mãe da menina.

O direito a uma educação infantil de qualidade inclui a discussão das questões de gênero. As relações das crianças na educação infantil apresentam-se como uma das formas de introdução de meninos e meninas na vida social, principalmente porque oferecem a oportunidade de estar em contato com crianças oriundas de diversas classes sociais, religiões e etnias com valores e comportamentos também diferenciados.

As características físicas e os comportamentos esperados para meninos e meninas são reforçados, às vezes inconscientemente, nos pequenos gestos e práticas do dia-a-dia na educação infantil (GROSSI, 1998). Por exemplo, a forma como a família ou a professora conversa com a menina, elogiando sua meiguice ou como justifica a atividade sem capricho do menino. O fato de pedir para uma menina a tarefa de ajudar na limpeza e ao menino para carregar algo já demonstra como as expectativas são diferenciadas. O que é valorizado para a menina não é, muitas vezes, apreciado para o menino e vice-versa.

A experiência de meninas e meninos na educação infantil pode ser considerada como um rito de passagem contemporâneo que antecipa a escolarização, por meio da qual se produzem habilidades. O minucioso processo de feminilização e masculinização dos corpos, presente no controle dos sentimentos, no movimento corporal, no desenvolvimento das habilidades e dos modelos cognitivos de meninos e meninas está relacionado à força das expectativas que nossa sociedade e nossa cultura carregam. Esse processo reflete-se nos tipos de brinquedos que lhes são permitidos e disponibilizados: para que as crianças “aprendam”,

de maneira muito prazerosa e mascarada, a comportar-se como “verdadeiros” meninos e meninas.

Meninos e meninas desenvolvem seus comportamentos e potencialidades a fim de corresponder às expectativas de um modo singular e unívoco de masculinidade e de feminilidade em nossa sociedade. Muitas vezes, instituições como família e pré-escolas orientam e reforçam habilidades específicas para cada sexo, transmitindo expectativas quanto ao tipo de desempenho intelectual considerado “mais adequado”, manipulando recompensas e sanções sempre que tais expectativas são ou não satisfeitas. Meninas e meninos são educados de modos muito diferentes, sejam irmãos de uma mesma família, sejam alunas/os sentados na mesma sala, lendo os mesmos livros ou ouvindo a mesma professora. A diferença está nas formas aparentemente invisíveis com que familiares professoras e professores interagem com as crianças.

As distinções podem ser percebidas, mas não são fixadas na característica biológica apresentada ao nascer. Os significados de gênero – habilidades, identidades e modos de ser – são socialmente configurados, impressos no corpo de meninos e meninas de acordo com as expectativas de uma determinada sociedade. Se, por um lado, é possível observar o controle da agressividade na menina, o menino sofre processo semelhante, mas em outra direção: nele são bloqueadas expressões de sentimentos como ternura, sensibilidade e carinho.

Os brinquedos oferecidos às crianças também estão carregados de expectativas, simbologias e intenções. As expectativas em relação à diferença de comportamento que se deseja para o menino e para a menina, justificadas pelas diferenças biológicas, acabam proporcionando distintas vivências corporais e determinando os corpos infantis: meninos e meninas têm no corpo a manifestação de suas experiências.

Egle Becchi (2003) fala sobre uma “linguagem dos gestos”: gestos ligados ao dia-a-dia, gestos do ato de brincar, gestos do corpo pelos movimentos corpóreos de aproximação, contato e exploração. Para a autora italiana, muito ainda deve ser estudado sobre linguagem gestual, uma “didática dos gestos”, que penetra e caracteriza a pedagogia: o uso do corpo acariciado ou punido, as estratégias de voz – o tom, o canto, o grito.

Assim como já mencionado, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96), no seu artigo 29, expressa que a Educação Infantil – primeira etapa da educação básica – “tem por finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, completando a ação da família e da comunidade”. Se entendermos que a proposta da Educação Infantil é trabalhar o desenvolvimento global da criança, e que, portanto, compete aos educadores infantis o

trabalho com a totalidade das potencialidades infantis, compreendemos então que é indispensável trabalhar sexualidade e gênero como parte integrante do sujeito humano. Saímos, então, da visão cartesiana, ou seja, da separação mente-corpo (MELO, 2004).

Na educação infantil é importante considerar que a criança se encontra em uma fase de intensas descobertas, desvendando a si própria e ao mundo, descobrindo-se como um sujeito e tentando compreender as diversas redes de relações com a realidade que a cerca.

A escola representa uma junção de reflexões que guiam as crianças. As discussões e debates que envolvem o gênero, nunca estiveram tão em alta como nos últimos tempos. A sociedade, ao longo dos anos, abre espaço e mostra-se permissiva a experiências individuais, conhecimento coletivo, descobertas interiores e sociais. Mudanças. Compreender a existência de novas percepções é abrir os olhos para as diferentes realidades, principalmente quando o assunto envolve educação e gênero.

3 O GÊNERO E O LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Neste capítulo busco apresentar a importância que tem o lúdico na educação infantil, abordando os benefícios que o brincar tem na vida de uma criança e como podemos através dele, despertar valores e conhecimentos para sua vida de maneira prazerosa.

Sabe-se que a aprendizagem é um processo contínuo que ocorre durante toda vida da criança, desde a infância até a mais avançada idade. Normalmente uma criança deve aprender a andar e a falar, depois a ler e escrever; aprendizagens básicas para atingir a cidadania e a participação ativa da sociedade. O desenvolvimento geral da criança será resultado de suas potencialidades genéticas, sobre tudo, das habilidades aprendidas durante as várias fases da vida, estando diretamente relacionada com o desenvolvimento cognitivo.

Sendo assim, sabemos que a educação infantil tem o papel fundamental nessa formação, e de maneira lúdica e prazerosa nós, professoras, temos esse compromisso de ajudar na formação desses sujeitos. Através do brincar e das brincadeiras lúdicas, contribuímos na formação das crianças, mediando conhecimentos.

O brincar é natural da criança é algo que faz parte da vida, do seu cotidiano e se define como espontâneo prazeroso e sem comprometimento. O brincar relaciona-se ainda com a aprendizagem. Brincar é aprender. Na brincadeira, reside à base daquilo que, mais tarde, permitirá à criança aprendizagens mais elaboradas e está aí a oportunidade de ir mostrando a

grande diversidade que rodeia cada um de nós, que somos livres para escolhas e que temos o direito de experimentar todas as brincadeiras que quisemos sem preconceito ou discriminação.

Segundo Vygotsky (1996), o ato de brincar preenche as necessidades da criança, sendo uma, motivação intrínseca do ser humano, satisfazendo seus anseios.

De acordo com Leontiev (2001, p. 124), “a criança brinca porque ela tem necessidade de agir em relação não apenas aos objetos que estão ao seu alcance, mas em relação ao mundo mais amplo dos adultos”.

Ao brincar a criança vai adquirindo conhecimento, experiências, acerca do seu entorno, do mundo que a rodeia, constituindo-se desta maneira enquanto sujeito, onde vai se apropriando das significações sociais. Desta forma,

Todas as crianças, inclusive as que frequentam a escola fundamental tem direito a brincadeira, a um espaço digno e sadio, ao conhecimento. Tem direito a educação de qualidade, com professores que também sejam tratados, e se vejam e atuem como sujeitos da história (BAZILIO; KRAMER, 2003, p. 81).

Sabemos o quão importante é o brincar e que a criança tem o direito de esse brincar, assim como um espaço digno e apropriado para receber uma educação de qualidade. Isso garante às/aos pequenos direitos de estarem e se sentirem acolhidas/os e viverem experiências prazerosas nestas instituições. Onde sejam traçados objetivos e metas que contemplem: “a ludicidade, interações sociais, conhecimento do mundo natural e social, educação e cuidado, complexidade do brincar, emoção, corpo e cognição, cultura, sociabilidade, conhecimento científico e diferentes linguagens.

O Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil garante-lhes, ainda, os seguintes direitos garantidos (BRASIL, 1998, p. 13):

O respeito à dignidade e aos direitos das crianças, consideradas nas suas diferenças individuais, sociais, econômicas, culturais, étnicas, religiosas etc.;

O direito das crianças a brincar, como forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação infantil;

O acesso das crianças aos bens socioculturais disponíveis, ampliando o desenvolvimento das capacidades relativas à expressão, a comunicação, a interação social, ao pensamento, a ética e a estética; a socialização das crianças por meio de sua participação e inserção nas mais diversificadas práticas sociais, sem discriminação de espécie alguma;

O atendimento aos cuidados essenciais associados à sobrevivência e ao desenvolvimento de sua identidade.

Todos esses direitos, devem estar interligados destacando o papel do afeto nas relações, considerando-se de forma explícita: a criança, a educadora, a cuidadora e a aprendizagem.

A criança é um ser social, que se constitui historicamente através das relações estabelecidas com o mundo que a rodeia. Dessa maneira, as crianças aprendem de forma lúdica, dinâmica, e, aos poucos, vão adquirindo novos conhecimentos através do prazer, da interação, permeado por emoções, expressões dinamicidade e ludicidade. Brincando, a criança constrói significados, objetivando a assimilação dos papéis sociais, o entendimento das relações afetivas e a construção do conhecimento.

A educação infantil deve ter sua importância destacada no desenvolvimento global da criança, por isso é essencial que todas as atividades realizadas possibilitem a estimulação necessária ao educando, de forma integrada nas áreas cognitivas, afetiva, social e psicomotora.

Para Vygotsky, a aprendizagem está relacionada ao desenvolvimento desde o início da vida humana, sendo “um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas especificamente humanas” (VYGOTSKY, 1984, p. 101).

Percebemos que a educação infantil necessita problematizar as construções culturais da criança assim como seus conhecimentos já adquiridos para ampliá-los por meio das ações educativas. O objetivo primordial da educação infantil não é preparar para a escolaridade posterior, nem prevenir seus fracassos, mas desenvolver um trabalho que vá ao encontro das reais necessidades das crianças, sendo capaz de lhes garantir o desenvolvimento.

A escola ou a professora que enxerga a criança com toda sua singularidade, diferença, cultura, necessidades próprias, conhecimentos próprios e os considera na prática educativa contribui para um processo educacional comprometido com uma educação não discriminatória.

Desta forma, o papel do/a professor/a na educação infantil é mediar esse brincar, acrescentando atividades lúdicas, organizando propostas e proporcionando saberes a essas crianças de forma lúdica e prazerosa indiferente a menino ou menina. É brincando que a criança expressa vontades e desejos construídos ao longo de sua trajetória, assim as atividades podem apresentar resultados preventivos e protetivos. Assim, é de suma importância a concretização de atividades que alcancem um objetivo real na vida de tantas crianças, pois elas vão ajudar.

A brincadeira tem sido fonte de pesquisa na Psicologia devido a sua influência no desenvolvimento infantil e pela motivação interna para esse tipo de atividade. O brincar, tão característico da infância, traz inúmeras vantagens para a constituição desse sujeito, proporcionando a capacitação de uma série de experiências que irão contribuir para o desenvolvimento futuro dele. E por que não abordar assuntos relacionados a gênero com as crianças de forma lúdica e prazerosa? Penso que se desde cedo trabalharmos sobre Gênero e Diversidade com nossos alunos, tanto o educador como o aluno têm muito a ganhar, pois a criança vai se familiarizar com esses assuntos de forma lúdica e prazerosa e o aprendizado vai acontecer de forma rápida e natural; sem tempo para construção de preconceitos.

O brincar já existia na vida dos seres humanos bem antes das primeiras pesquisas sobre o assunto: desde a antiguidade. A brincadeira sempre fez e ainda faz parte da vida da criança, para que ela cresça e se desenvolva em todas as etapas de sua vida. É dessa forma que devemos ir introduzindo a proposta de trabalhar gênero, de maneira natural. As crianças estão indo mais cedo para as escolas, ficando pouco tempo com a família. De certa forma o meio influencia em outras atividades e a escola tem o papel de trabalhar diversos assuntos, entre elas a diversidade que nos rodeia.

Esta constatação nos indica que é importante trabalhar sobre gênero na escola e por que não na educação infantil? A escola e, em particular, a sala de aula, é um lugar privilegiado para se promover a cultura de reconhecimento da pluralidade das identidades e dos comportamentos relativos às diferenças. Daí a importância de se discutir a educação escolar a partir de uma perspectiva crítica e problematizadora, trabalhando assuntos referentes a gênero e toda a diversidade que está ao nosso redor e do qual fazemos parte.

Na educação escolar, é importante que o tema estudo de gênero esteja presente, principalmente, na escolha de conteúdos e métodos de ensino, nas atividades de lazer, no desenvolvimento social e cognitivo de meninos e meninas. De acordo com o filósofo René Hubert, a educação é um conjunto de ações e influências exercidas voluntariamente por um ser humano em outro. No sentido técnico, a educação é o processo contínuo de desenvolvimento das faculdades físicas, intelectuais e morais do ser humano, a fim de melhor se integrar na sociedade. Nesse sentido, a escola desempenha um papel importante na construção das identidades de gênero, interferindo na constituição dos sujeitos que nela circulam, reproduzindo e refletindo as concepções de gênero que circulam na sociedade.

É importante que os pais compreendam que quando uma criança se interessa por brinquedos que são classificados culturalmente como do gênero oposto, não podem sofrer punições ou repressões por conta de um comportamento que nem mesmo ela entende como

certo ou errado. Este tipo de ação é muito comum durante a infância e, muitas vezes, a criança demonstra curiosidade pelo brinquedo ou estabelece relações afetivas como, por exemplo, o menino pegar a boneca porque acabou de ganhar um irmãozinho ou a menina brincar de carrinho porque isto a remete a um passeio divertido com a família. Biologicamente, o feminino e o masculino se expressam de formas diferentes, já que homens e mulheres possuem genes e hormônios em quantidades distintas ditando particularidades de cada gênero e comportamentos diversos.

Na escola, os brinquedos, jogos e brincadeiras não devem ser separados e ditados por gêneros e cabe às instituições permitir o contato da criança com diversos tipos de brinquedos para a estrutura da criação.

Dentro do contexto da brincadeira, Martins comenta:

A brincadeira influencia decisivamente o desenvolvimento global da criança. Ao brincar, ela aprende a ser e agir diante das coisas e das pessoas, pois é a partir das ações práticas realizadas que os processos externos se estruturam, orientando outras ações práticas, mais autônomas e complexas. Portanto, as brincadeiras infantis destacam-se no vasto campo social que circunscreve a vida da criança e que representa a base do desenvolvimento de todos os atributos e propriedades humanas (MARTINS, 2006, p. 39).

Sendo assim, é importante que os pais entendam a importância que tem o lúdico na educação de seus filhos/as. Pais e mães precisam saber que ao brincar a criança está desenvolvendo inúmeras habilidades, está se socializando e criando vínculos afetivos.

3.1 RELAÇÕES DE GÊNERO E INFÂNCIA: IDENTIDADE, PAPÉIS E ESTEREÓTIPOS

Neste subcapítulo abordo a relação de gênero e infância e procuro mostrar como as crianças vão construindo as identidades e os papéis de gênero nas relações que estabelecem com outras crianças e com os adultos mais próximos. Embasada em Scott (1995) e Louro (1997) para as definições sobre relações de gênero, tomo a ideia de identidade de gênero de Grossi e Stoller (1993).

Partimos do ponto de vista de que as interações estabelecidas pelas crianças fazem parte do rol de experiências objetivas e subjetivas que vão criando as suas personalidades, bem como os papéis sociais de gênero.

De acordo com Grossi (1998), a identidade de gênero remete ao sentimento individual de ser menino ou menina. Ao longo de nossas vidas, desenvolvemos uma percepção de quem somos inclusive nesse aspecto. Definir-nos por ser homem ou mulher faz parte de um processo cultural, porque nascemos com um sexo biológico masculino ou feminino, para além do qual nos tornamos homens ou mulheres.

Segundo Stoller (1993, p. 28), a identidade de gênero está relacionada “à mescla de masculinidade e feminilidade em um indivíduo, significando que tanto a masculinidade como a feminilidade são encontradas em todas as pessoas, mas em formas e graus diferentes”. Contrapondo-se à teoria psicanalítica clássica, esse autor desenvolve a ideia de que a masculinidade ou a feminilidade não são naturalmente apresentadas ao sujeito por determinações biológicas, mas são características conquistadas culturalmente por ele.

Diferentemente da identidade de gênero, os papéis de gênero são as formas de manifestação ou representação social de ser macho ou fêmea, conforme Grossi (1998). Esses variam de uma cultura para outra e dentro de uma mesma cultura. No Brasil, encontramos uma rica diversidade cultural e os papéis de homens e mulheres evidenciam isso, ou seja, há diferentes formas de ser mulher e ser homem em nossa sociedade, que se expressam, por exemplo, na dança, na música, no trabalho doméstico e extra doméstico, nos gestos, no meio rural ou no meio urbano, e, no caso das crianças, nas brincadeiras, principalmente.

Quando a criança é matriculada na escola de educação infantil essa denominação inicial é afirmada pelo registro civil e “é adotada [pela escola] enquanto ‘a’ identidade da criança, desconhecendo-se alguns outros elementos que compõem um complexo processo de construção de ser homem ou ser mulher [...]” (SAYÃO, 2005 p. 213).

Simone de Beauvoir (1980) fala que não nascemos homens e mulheres, mas nos tornamos homens e mulheres. Assim, é possível desconstruir a fixidez da sexualidade e do gênero. Logo, nada irá garantir que as pessoas se identifiquem com estas denominações pré-estabelecidas.

Até os três anos de idade, as crianças geralmente não diferenciam um menino de uma menina, e a não ser pelos estereótipos, ou traços do temperamento que herdamos sem depender de suas vontades e não compreendem por que são diferentes. Mesmo o sexo, em gêneros distintos, os aspectos da fisiologia, para elas, nada disso representa uma desigualdade. Sem dar muita importância ao fato, elas tratam aquele ente, mesmo quando se dão conta de que

possui um órgão sexual diferente do seu, a despeito do sexo não semelhante, como um igual. Na verdade, para elas, menino é aquele que tem cabelo curto e menina quem tem cabelo comprido, o que na verdade já é um estereótipo social, só que ainda não sabem disso. E mesmo as peculiaridades típicas do temperamento de cada gênero, são desprezadas.

Na realidade nós cuidamos para que desde o início a aparência transforme os gêneros em diversidade. Para uma criança pequena isso não tem a menor importância, pois, as diferenças ocultas, até favorecem o desenvolvimento compartilhado. O fato de gêneros distintos com seus temperamentos peculiares dividirem o mesmo espaço já é um preparo para que se compreendam mutuamente, para que mais tarde possam conviver minimizando as disputas, respeitando o espaço de cada um, longe dos antagonismos motivados pela causa gênero. Entretanto, nós como adultos, fazemos questão de impedir que esse processo siga seu curso. Logo que nascem as crianças, cuidamos de nutrir em seus inconscientes, o que primeiramente são: menino e menina. E como também já temos um padrão usado para condicionar cada gênero, isso complementa a primeira parte do processo que irá transformar menina e menino em entidades completamente antagônicas, divergentes entre si, predestinadas a viver eternamente em conflito.

Essas representações generalizadas e socialmente valorizadas acerca do que os homens e as mulheres devem fazer, por exemplo, “o homem é mais prático, a mulher é mais carinhosa”, chamamos de Estereótipos de Gênero. Papéis sociais de gênero são comportamentos aprendidos numa determinada sociedade, que fazem com que os seus membros percebam certas atividades como pertencentes a homens ou a mulheres, valorizando-os de forma diferente.

Então, repetimos os estereótipos já criados para dar origem às primeiras diferenças que deverão existir entre elas. São as roupas, os brinquedos, os hábitos, etc. Na verdade, uma criança não precisa de nossa ajuda para aprender a diferenciar os indivíduos do sexo oposto, uma vez que isso deveria ocorrer de maneira “natural”, sem depender dos costumes que criam estas linhas divisórias.

Desde a infância, as crianças são induzidas por muitos pais a seguirem padrões tradicionais e culturais de vida. Com o tempo podemos identificar diferentes habilidades e preferências que aparecem no cotidiano de meninos e meninas, aspectos e projeções que ressaltam o seu gênero. O azul era uma cor usada apenas por meninos e o rosa aparecia em diversos adereços e acessórios de meninas. Logo depois, o menino recebia carrinhos para brincar durante o seu lazer e a menina recebia diversas bonecas para aguçar sua feminilidade.

Os familiares e o meio em que a criança vive, podem influenciar o conceito de que “menino tem que fazer coisa de menino” e “menina tem que fazer coisa de menina”.

As crianças pequenas, muitas vezes, se comportam ou se vestem de maneira extremamente estereotipada, primeiramente essa influência vem dos pais, depois da sociedade em se estamos inseridos. Vemos que tudo inicia na infância da criança e permanece ao longo da vida.

A infância, nos dicionários de língua portuguesa, é considerada como o período de crescimento do ser humano, ou seja, vai do nascimento à puberdade. Assim, infância refere-se aos primeiros anos de vida que terão consequências profundas, marcas que podem ser positivas ou negativas influenciando a vida da criança.

Kramer (*apud* ALMEIDA, 2006), em uma análise sobre o surgimento do sentimento de infância, a partir da obra de Ariès afirma:

Sentimento de infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças, correspondendo na verdade à consciência da particularidade infantil, ou seja, aquilo que distingue a criança do adulto e faz com que a criança seja considerada como um adulto em potencial dotada de capacidade de desenvolvimento (KRAMER, 1982, p. 17 *apud* ALMEIDA, 2006, p. 12).

Desde quando nascemos, somos ensinados o que podemos ou não podemos fazer de acordo com nosso gênero. O estereótipo de gênero começa com as cores dos enxovais, os brinquedos que ganhamos de presente e o tipo de roupa que nossos pais nos dão para vestir.

Nossa cultura tem forte um pré-conceito a respeito de gênero sendo disseminada pela sociedade, nas escolas, nos ambientes de lazer e nas famílias brasileiras, sejam elas tradicionais ou não. E a pior parte disso é que essas ideias sobre o que é “ser menino” ou “ser menina” estão contaminadas por hierarquizações; ou seja, as crianças acabam aprendendo que meninos podem fazer mais coisas e que as meninas devem agir de maneira submissa e contida. Na prática, o machismo é perpetuado: os homens aprendem a ser machistas e as mulheres enfrentam altos índices de discriminações.

No espaço escolar as diferenças também estão cada vez mais explícitas e desafiam visões e práticas profundamente enraizadas na cultura escolar. A cultura escolar dominante em nossas instituições educativas prioriza o comum, o uniforme, o homogêneo tendo muita dificuldade em reconhecer e valorizar as diferenças.

A escola tem o papel fundamental de não estereotipar, tornar as coisas mais naturais possíveis, proporcionando oportunidades de esclarecimento e autoconhecimento.

Segundo Brasil (1998, p. 23),

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. Neste processo, a educação poderá auxiliar o desenvolvimento das capacidades de apropriação e conhecimento das potencialidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas, na perspectiva de contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis.

É fundamental sabermos que ao desenvolvermos uma brincadeira precisamos ter consciência de que essa brincadeira pode vir a influenciar na atitude da criança no seu cotidiano, pois uma vez que desenvolvemos brincadeiras associando-as ao gênero estamos reforçando “o feminino como associado, na maioria das vezes, à fragilidade, passividade, meiguice e ao cuidado. Ao masculino correspondem atributos como a agressividade, força e coragem” (AUAD, 2006, p. 22). Nós professoras temos que ter muito cuidado quando estivermos desenvolvendo uma atividade!

3.2 GÊNERO E LUDICIDADE NA ESCOLA PESQUISADA

A pesquisa aqui realizada, como requisito para a conclusão do curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, pela UFSC, teve caráter etnográfico e pretendeu mostrar a importância de trabalhar sobre Gênero na Educação Infantil, a fim de compreender como as crianças lidam com as suas relações de gênero no cotidiano da escola.

O estudo foi desenvolvido no Centro de Educação Infantil (CEI) Pequeno Aprendiz, na cidade de Praia Grande/SC, com crianças entre quatro e cinco anos de idade, no período de agosto a setembro de 2016, no turno vespertino das 13h às 17h, em todos os dias da semana. A turma era mista tendo dezoito alunos, nove meninas e nove meninos, sendo que dez crianças tinham quatro anos e as outras oito crianças tinham cinco anos de idade.

Para produzir os dados da pesquisa foram utilizadas observações, conversas e intervenções. O local de observação está situado em um bairro habitado por pessoas de classes populares. As crianças atendidas no CEI são bastante diversas, os alunos/as são filhos de mães trabalhadoras, que usam o CEI como um lugar seguro para que as crianças permaneçam durante a sua ausência, também são filhos/as de pessoas que acreditam na qualidade dos serviços básicos e, principalmente, educativos oferecidos pela instituição.

Debater sobre Gênero e Infância, estereótipos, compreender como as relações de gênero se manifestam entre as crianças no cotidiano da Educação Infantil observando como elas produzem e reproduzem, em suas relações, modos de ser menina e menino são interesses desse estudo.

A pesquisa iniciou-se com a observação das crianças na rotina escolar, observando todos os tipos de relações que se estabeleciam entre as crianças desde a entrada na sala de aula às 13 horas, até às 17 horas, quando voltavam para suas casas.

3.2.1 Observação realizada na escola

Iniciei as atividades na turma do pré-escolar com a observação das crianças, tendo o meu foco nas relações de gênero, pois já conhecia as crianças. Passei a observar, nesse período, como meninas e meninos se relacionavam, no convívio diário, dentro e fora da sala de aula. Acompanhei diretamente a rotina das crianças e o comportamento que tinham umas com as outras.

No primeiro momento, foi feita a observação em sala de aula e fora da sala em atividades cotidianas, nas práticas pedagógicas e nas brincadeiras, tendo como finalidade analisar a atitude das crianças frente às diferenças entre gêneros, como se comportam e se posicionam. Usei a observação como metodologia, por acreditar ser um valioso instrumento para a coleta de dados e para isso me apoiei em Mazzotti:

A observação dos fatos, comportamentos e cenários é extremamente valorizada pelas pesquisas qualitativas que se caracterizam pela utilização de múltiplas formas de coletas de dados e tem como vantagens permitir checar, na prática, a sinceridade de certas respostas que, às vezes, são dadas só para causar boa impressão, permite identificar comportamentos não intencionais ou inconscientes e explorar tópicos que os informantes não se sentem à vontade para discutir e permite o registro do comportamento em seu contexto temporal e espacial (MAZZOTTI *et al.*, 2004, p. 164).

Logo percebi como era organizada a entrada na sala de aula: uma fila tradicional, fila das meninas e fila dos meninos. Ao entrar na sala as crianças sentavam-se, meninas com meninas e meninos com meninos; pequenos detalhes, mas que farão a diferença futuramente!

A chamadinha da turma era feita no quadro e na sala de aula há um cartaz, bem bonito que distingue a questão de gênero – um desenho de menina e um de menino, nele, as crianças colocam os seus nomes embaixo da figura, de acordo com seu gênero. A professora não fala em nenhum momento onde é para colocar o nome, mas as crianças automaticamente os colocam. Essa rotina me chamou muito a atenção, sobre o comportamento das crianças quando a professora coloca o nome no espaço diferente ao gênero da criança, quando ela diz no mesmo instante que não é ali que deve ser colocado.

Na hora dos brinquedos na sala de aula, eram oferecidos para a turma dois espaços para brincar, onde existiam brinquedos separados para meninos e meninas. Elas podiam escolher, mas ficavam separados! As brincadeiras no pátio também eram bem divididas entre meninas e meninos; em alguns momentos havia uma integração maior, que me chamava bastante atenção. Percebi que na turma havia dois meninos que gostavam muito de brincar com brinquedos “ditos de meninas”, e que outros colegas da turminha tinham um risinho no canto da boca sobre isso.

Observei que as crianças interagem muito bem nas aulas, eram participativas, mesmo sendo muito agitadas! Percebi nas crianças certa comparação que fazem sobre meninas e meninos, elas têm muito forte a questão das “coisas” de meninos e de meninas, refiro-me aos brinquedos, às cores, aos lugares na sala, na hora da fila, não gostam de fazer uma fila única, quando se sentam à mesa do refeitório se juntam todas as meninas e todos os meninos; é a professora quem faz a separação.

Nas cores presentes nos cartazes e em atividades na sala de aula, observei que se prendem, o azul e o cor de rosa, para meninas e meninos; pregadores de meninos em cores coloridas arquivavam as atividades dos meninos e os pregadores de bonecas com vestidos cor de rosa, arquivavam as atividades das meninas.

As cadeiras cor de rosa da sala de aula também recebem a prioridade das meninas, além de se perceber que as meninas sempre se sentam com as meninas e meninos com meninos. As crianças fazem seus próprios grupos, separando-se de acordo com seu gênero. Observo que isso também vem muito de casa, as amigas e as famílias já orientam as crianças a brincarem meninas com meninas e meninos com meninos e a sentarem-se ao lado da coleguinha ou do coleguinha.

Observei durante a observação que a professora faz a mediação entre as crianças, sempre que possível, referente a gênero, questões relacionadas ao comportamento dos meninos e das meninas, mas o ambiente da sala de aula é bem estereotipado. A professora mistura menino com meninas segundo ela “para dar um equilíbrio na turma”.

Pude perceber que as crianças aceitam muito bem todas as atividades propostas, que gostam de interagir e têm interesse em conversar; mas o que percebi em algumas crianças foi a questão de que, menino não brinca com brinquedo de menina, e algumas crianças riam entre si, direcionando os olhares a outros meninos que se interessavam em brincar com os brinquedos “ditos de meninas”.

Após analisar os fatos, constatei a interferência dos pais dessas crianças; pais muitos resistentes, que colocam sempre menino brinca, com “coisa de menino”.

Ficou, cada vez mais claro para mim, que era ali na educação infantil, o melhor momento para se falar sobre gênero. As observações realizadas tiveram início no dia dois de agosto de 2016 e foram até o dia vinte de 20 de setembro de 2016. Elas foram feitas semanalmente com duração de quatro horas diárias (tempo em que as crianças permanecem no Centro de Educação Infantil).

Esse foi um período em que estive imersa nas questões de gênero, nas atitudes sexistas, ficando atenta às falas que pudessem expor as concepções de gênero presentes nas diferentes relações. Foi um período no qual me auto avaliei e consegui refletir sobre o assunto.

3.2.2 Intervenção: descrição e reflexões

Após o período de observação da turma de pré-escolar do CEI Pequeno Aprendiz, iniciei minhas atividades de intervenção que teve duração de quinze dias. Essas atividades aconteciam todas as tardes da semana, no horário das 13 às 17 horas, com início no dia 22 de agosto e término em dez de setembro.

No primeiro momento da intervenção, realizei um diálogo com as crianças, bem descontraído e espontâneo. Sentamos todos (as) em círculo na sala de aula, e iniciamos a conversa. Eu fui introduzindo as questões, conforme acompanhava as respostas das crianças, as quais ficaram empolgadas com o assunto. Meu objetivo com o diálogo era perceber como as crianças se posicionavam frente ao gênero, às brincadeiras de meninas e meninos e atividades cotidianas que envolvessem questões relacionadas à construção das identidades de gênero.

A maioria das crianças se posicionaram de forma sexista. Algumas delas falavam que menino (a) não pode fazer coisa de menina (o), outros (as) falavam que meninos tinham de brincar com brinquedos de meninos e não de meninas e apontavam para um menino dizendo que ele gostava de brincar com as bonecas.

Eu ia questionando e instigando as participações. Essa conversa, de maneira lúdica e descontraída, permitiu-me chegar à imersão na sala de aula para compreender como se formam no dia a dia os conceitos relacionados à construção das identidades, os papéis de gênero e quais implicações esta construção tem para as crianças.

Em outro momento de diálogo com as crianças procurei saber sobre as famílias delas, como eram constituídas. A maioria das crianças morava em lares constituídos por pai, mãe e filhos; Uma criança morava com mãe e avós; outra criança morava com a avó, sem os pais; e uma outra criança morava com a mãe e o padrasto.

A família vem apresentando modificações e novas configurações na atualidade. Podemos perceber que a família nuclear ainda é predominante, mas nos deparamos, cada vez mais, com o surgimento de “novos” arranjos familiares; novas maneiras de ver e ser família. Esses novos arranjos baseiam-se mais no afeto e nas relações de cuidado do que em laços de parentesco ou consanguinidade (LOSACCO, 2007).

A diversidade de arranjos familiares implica também numa diversidade de manifestações culturais, pois a cultura de cada família abrange todos os membros que as compõe. Nesse contexto, também podemos perceber as diferentes manifestações culturais apresentadas pelas crianças como reflexos das condutas de seus pais, mães ou avós. Quando falamos de cultura, reportamo-nos a Silva, que afirma que “a cultura é um campo de luta em torno da construção e imposição de significados sobre o mundo social” (SILVA, 1997, p. 9).

As diferentes culturas trazidas por diferentes famílias nos permitem compreender, como Louro pontua, que “toda e qualquer diferença é sempre atribuída no interior de uma dada cultura; que determinadas características podem ser valorizadas como distintivas e fundamentais numa determinada sociedade e não terem o mesmo significado em outra sociedade”.

Foi no momento da roda de conversa que surgiu o assunto relacionada à cultura familiar, os modelos de famílias que existem entre as crianças daquele grupo. Havia crianças que relataram que o avô dizia que “homem não pode chorar”, que o pai dizia que “menino não pode usar roupas cor de rosa”, que a mãe dizia que as meninas não podem correr e nem jogar futebol. A rotina familiar das crianças pode mostrar um pouco da cultura à qual ela está inserida e que faz parte da sua história de vida.

A dúvida: “meninos podem se pintar? ” Levou-me a uma busca sobre os significados que as relações entre meninos e meninas suscitam. Tão logo iniciada essa procura, percebi que era preciso entender os aspectos que diziam respeito à identidade de gênero e aos seus papéis. Faz sentido ter em mente que as diferentes sociedades, ao traçarem o que constitui o masculino e o feminino, mesmo que subjetivamente, também vão delimitando alguns estereótipos, que se multiplicam e são incorporados, em alguns casos, acriticamente. Partindo desse questionamento, iniciei minha intervenção que se deu por meio de brincadeiras envolvendo todas as crianças. Iniciei com uma atividade sobre a música “Fui morar numa casinha”; cantamos a musiquinha, interagimos e depois fomos confeccionar um cartaz em que as crianças poderiam deixar a marca de um beijinho nele.

Alguns meninos negaram-se, alegando que em nenhum momento poderiam passar o batom; as meninas amaram a atividade, deixando sua marca com seu nome. Nesse dia além dos batons, levei uma tinta e um pincel para essa mesma atividade, os meninos vendo as cores quiseram participar, com a tinta e o pincel, mas um menino não quis. Pude perceber que a rejeição por parte desse aluno vem da cultura dos familiares dele. No período da observação da turma, observei isso, quando o avô vinha buscar a criança na escola. Trata-se de um menino que não interage em nenhum momento com as meninas, só brinca de luta, armas, zumbis, mora com os avós e o pai, tem uma boa influência machista.

No decorrer dos dias fui fazendo outras brincadeiras, como teatro, em que podiam experimentar qualquer fantasia; as crianças se divertiram muito e os meninos colocaram perucas e adoraram a descontração. Outras brincadeiras foram realizadas em que os brinquedos eram todos misturados e onde se podia explorar as curiosidades.

Iniciei o assunto de gênero com a brincadeira “cabo de guerra”. Primeiramente fizeram-se as equipes, meninas x meninos. Elas não venceram. Depois, misturei as crianças para dar um equilíbrio; foi divertido! Após a atividade, realizamos uma roda de conversa para avaliação dela. Questionei as crianças sobre quem ganhou primeiro e porquê, quais dificuldades, como foi o trabalho em equipe? Depois questionei como foi a segunda equipe. As crianças mencionaram para o grupo que as meninas perderam porque são fracas e os meninos são mais fortes. Já quanto a segunda equipe, e que estavam misturados, eles não souberam explicar. Coloquei, então, para eles a respeito do equilíbrio das equipes, quando houve a mistura das crianças. A partir dessa atividade e das colocações delas iniciei a falar sobre as diferenças de gênero, a diversidade, e os estereótipos.

Durante a realização da intervenção, à medida que ia observando as relações estabelecidas, pude comprovar que é na brincadeira que a criança vai representando e se

apropriando das experiências que são significativas para ela e vai, assim, demonstrando nas suas interações.

As meninas, geralmente, gostavam de brincar de salão de beleza, desfile, dança e representar a mãe nas tarefas diárias, como: cuidar das crianças, lavar as roupas, fazer comida etc. A questão com a beleza ficou muito evidente; as meninas diariamente passavam batom e gloss. Os meninos brincavam com jogos de encaixe, “lutinha”, carrinhos e também representavam a violência que eles vivenciavam no contexto de suas vidas, montando armas com as peças de encaixe. Eu ia intermediando as brincadeiras, questionando e argumentando sobre as relações de gêneros, igualdade, mostrando que os meninos podem ajudar nas tarefas de casa, inclusive nas brincadeiras e ia fazendo o intermédio entre as crianças.

Sempre que necessário e oportuno ia argumentando e explicando para elas que em algumas brincadeiras, admite-se que meninas e meninos brinquem juntos, como corda, pular, pique esconde. Quanto ao futebol, também foi evidenciado por algumas crianças que a menina pode jogar; dessa forma, as crianças vão rompendo com a separação e a diferenciação em relação ao futebol ser considerado um esporte do universo masculino. Assim, elas vão quebrando fronteiras ao lidar com modos de viver as relações de gênero nos espaços por elas vivenciados, de acordo com o momento e o tipo de relação estabelecida. Finco diz que:

Ao observar as brincadeiras das crianças, concluiu que a relação entre meninas e meninos é importante para construir uma relação não hierárquica entre os gêneros. Aqui professoras e professores são fundamentais para permitirem que estas relações possam acontecer livremente, sem cobranças quanto a masculinidade e feminilidade pré-determinada (FINCO, 2003, p. 95).

Contudo, observa-se que a integração de gênero entre as crianças é necessária, para que as relações aconteçam livremente.

Com mais atenção, podemos constatar que, a partir do momento em que as crianças são normatizadas por gênero, o sistema financeiro, se encarrega de apoiar, alimentar e fortalecer esse *status*. E há também dentro das sociedades a questão do poder, onde o desejo de dominação de um congênera sobre outro, depende exclusivamente desses parâmetros.

Podemos observar que ainda hoje, no âmbito escolar, temos atitudes e condutas que geram essa rotulação de comportamentos discriminatórios, conduzindo os meninos e meninas a uma constante rivalidade, além de “distinguir-se os corpos e as mentes” (LOURO, 1997, p. 62).

Os estudos de Scott (1995) contribuem para elucidar essa questão. Quando se reflete a respeito dos papéis femininos e masculinos na sociedade, não se está colocando em

oposição homens e mulheres, porém aprofundando-se a necessidade de desconstruir a supremacia do gênero masculino sobre o feminino, na direção de uma igualdade política e social, que inclui não somente o sexo, mas também a classe e a raça. Essas diferenças são engendradas nas crianças pouco a pouco por diversos mecanismos que envolvem suas interações com os adultos, as outras crianças, a televisão, o cinema, a música etc. A demarcação do que cabe aos meninos ou às meninas se inicia bem cedo e ocorre pela materialidade e também pela subjetividade. Essas relações influenciam nas elaborações que as crianças fazem sobre si, os outros e a cultura, e contribuem para compor sua identidade de gênero.

Os objetos no cotidiano escolar já se tornam demarcadores de gênero desde a pré-escola e as demarcações do que é próprio de menino e do que é próprio de menina já são estereotipados desde o nascimento da criança.

A expectativa da arrumação do quarto, da compra do enxoval, são reafirmações dos estereótipos esperados para meninos e meninas. Azul se for menino e rosa se for menina, essas são as primeiras indagações dos pais e familiares. A cor rosa para menina é escolhida culturalmente por ser um tom que está ligado a sensibilidade e docilidade. A cor azul para os meninos por ser um tom que representa o ser forte e destemido. Segundo Carvalho, Costa e Melo, (2004, p.4), numa sociedade/cultura organizada por relações de sexo e gênero, o enxoval cor de rosa ou azul, a escolha do nome e as expectativas dos adultos já atribuem o gênero de uma criança mesmo antes do nascimento. Dessa forma, percebe-se que as crianças nascem e, conforme vão crescendo, as práticas de determinações de cores realizadas pelas famílias e pela sociedade, vão se configurando em todos os espaços sociais destinados para sua integração.

Na própria hora do lanche das crianças os pratinhos brancos com rosas são delimitados de meninas; quando um menino ganha esse prato, a turma logo se agita reagindo com comentários, que o “fulano” ganhou prato de menina. É nesse momento que a professora deve introduzir novamente o assunto relacionado sobre gênero, questionar, fazer com que todos apreciem todas as cores, observem as diferenças dos pratos e passem a agir com naturalidade. Acredito que na educação infantil é assim que devemos abordar os assuntos referentes a gênero, quando necessário e em qualquer atividade.

Podemos ver na atualidade, bem marcados na sociedade, os materiais escolares das crianças; elas fazem questão de escolher e afirmar o que é de menina e menino. Nitidamente as mochilas das meninas trazem sempre os tons de cor de rosa ou lilás e são de personagens femininas, geralmente princesas, enquanto que a dos meninos possuem cores de

tons em preto ou azul marinho são geralmente super-heróis, fortes e poderosos. Na minha intervenção conversamos sobre os materiais escolares, sobre as cores e as crianças colocavam suas pequenas opiniões, mas repetiam, mas super-herói é de menino!

Dessa forma, é possível compreender por que nos espaços escolares meninas apreciam tanto estar com meninas, pois se percebe que se sentem seguras e ao mesmo tempo têm os mesmos gostos, dentre eles a preferência pelo tom de rosa. Quanto aos meninos, o fato de estarem juntos aparentemente se revela por possuírem gostos também iguais, porém quanto à preferência, se dava no campo de detestar “tudo” que as meninas gostavam, principalmente o tom de cor-de-rosa. Afinal, aprenderam que meninos e meninas devem se comportar como tais, o que compreende terem características e ações socialmente aceitas.

Assim, o caminho seguido por eles é o de reproduzirem aquilo que lhes ensinam, segundo Melo (2004, p. 8) são identidades e relações de gênero em que os homens são representados e se representam como fortes, agressivos, violentos, inteligentes e competentes, e as mulheres são representadas e se representam como frágeis e emocionalmente dependentes dos homens, são aprendidas na família, na escola, na organização do trabalho e da vida cotidiana.

Com minha pesquisa realizada por meio de observação e intervenção consegui perceber que a criança vem para a escola com uma bagagem cultural bem forte, e até certo ponto preconceituosa, pois desde pequenos já colocam seus pareceres a respeito do que menino pode fazer e menina não.

Percebi que as crianças reproduzem o que a família lhes passa, pois ao questioná-las e interagir com elas as coisas foram mudando; as brincadeiras ficaram prazerosas, a curiosidade deles despertou e acredito que terão uma pequena sementinha de curiosidade para questionar em algum momento que acharem necessário. Sei que a influência cultural é fortíssima, que os estereótipos existem, que as próprias crianças já vão se rotulando, mas percebo cada vez mais que é na educação infantil o início de toda transformação, para um futuro mais livre de preconceitos. Os pequenos esclarecimentos devem ter o ponto de partida na educação infantil.

Constatamos que as influências é que vão delimitando e emoldurando as crianças. É dessa forma que os objetos e as ações vão se inscrevendo na vida cotidianas das crianças, delimitando o que é próprio de menina e o que é próprio de menino. Contudo, é preciso refletir que a Educação Infantil deve ser um campo de atuação constante de diálogo teórico e prático no que diz respeito às questões de gênero, a desmistificação do conceito de que gênero não deve ser abordado na educação infantil. Nesta pesquisa, ficou evidente que é na educação

infantil que os primeiros conhecimentos são passados para as crianças, é lá que vão se formando os primeiros conceitos sobre identidade de gênero, e onde se deve iniciar os primeiros conceitos e informações, pois é na educação infantil que as crianças têm os primeiros contatos com sua vida social educativa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho apresentei algumas das inquietações que foram surgindo ao longo deste processo, ainda inicial, de minha formação como educadora, de que muitas crianças ainda têm de se desprender de crenças e preconceitos já estabelecidos por suas famílias.

A análise da escolha de determinados brinquedos pelas crianças, nos mostra que a sociedade e a cultura também nos influenciam desde cedo. O preconceito de algumas famílias e da sociedade é materializado nas falas, nas interações das crianças que apreendem com as pessoas, com as quais elas convivem o que é considerado como adequado ou inadequado para meninos e meninas de acordo com seus referenciais religiosos, culturais e históricos.

Esta pesquisa possuía como objetivo geral compreender as implicações e os desafios do trabalho de Gênero na Educação Infantil por meio da ludicidade. Assim, busquei compreender como as relações de gênero se manifestam entre as crianças no cotidiano da educação infantil e em todas as relações que se estabelecem e que interferem na constituição do jeito de ser menina e de ser menino, procurando transcrever as constatações feitas no trabalho.

Procurei também compreender como é importante estudar gênero na Educação Infantil e como esse estudo pode contribuir para a construção de crianças não preconceituosas. É necessário entender que padrões tradicionais e conservadores de masculinidades e feminilidades concebidos pela nossa cultura podem atrapalhar na construção de uma sociedade livre de preconceitos.

O estudo indicou que a Educação Infantil não pode mais ser considerada como apenas um local onde as crianças ficam para serem cuidadas quando seus pais estão ausentes. A função da Educação Infantil não se restringe, como antigamente, à modesta tarefa de cuidar; sua tarefa é mais ampla e profunda, ou seja, deve iniciar a introdução dos conhecimentos que levarão para a vida, proporcionando descobertas de valores e conhecimentos, novos e prazerosos, de maneira lúdica. A Educação Infantil recebeu um destaque na nova LDB, inexistente nas legislações anteriores.

Atualmente, as responsabilidades da Educação Infantil, são bem maiores, pois além de cuidar, de instrumento de formação física, intelectual e moral, cabe-lhe a missão de promover a integração harmoniosa da criança, fornecendo-lhe todos os elementos necessários para levar a criança a ser mais crítica, mais compromissada e mais otimista.

Se a instituição de Educação Infantil é o primeiro espaço de educação formal frequentado pelas crianças pequenas, é através dela que ocorre parte da socialização primária. Portanto, as educadoras da infância têm grande responsabilidade na formação de suas crianças.

Ficou evidente, por meio das atividades desenvolvidas com as crianças, a importância de trabalhar gênero na Educação Infantil, pois mostrando através do brincar que menino e menina podem dividir as tarefas de casa, que podem brincar de casinha, que podem jogar bola, que menino cuida da filha, que menina trabalha, etc., estaremos ajudando na formação dessas crianças. Assim, mostrando também a pertinência de o gênero ser problematizado no currículo da Educação Infantil, buscamos ampliar as possibilidades pedagógicas, oferecendo um novo olhar para as crianças e sua infância.

Na pesquisa, ficou claro como as crianças vão construindo suas relações sociais por meio das linguagens e significados culturais. Elas aprendem com outras crianças e com os adultos com quem elas convivem, no cotidiano da escola, na rua e nos diversos artefatos culturais que fazem parte do seu dia a dia e que contribuem para a construção de seus saberes. Podemos perceber que através da brincadeira que a criança libera e exterioriza sentimentos e tem a possibilidade de expressar suas opiniões.

Oportunidades de aprender a respeitar e seguir regras também são garantidas, por isso podemos dizer que o brincar tem papel fundamental e decisivo nas relações entre criança e adultos, entre criança e outras crianças e entre crianças e o meio. Ao brincar, a criança estará imitando o adulto mais próximo de sua convivência e este tem o papel fundamental de orientar e instruir essas crianças de forma natural mostrando sempre a diversidade existente ao nosso redor.

Praticar o rodízio de brinquedos é uma estratégia interessante, que devemos pôr em prática sempre que possível, pois a criança sempre terá novidades para experimentar evitando estereótipos. Ao brincar, a criança não apenas expressa e comunica suas experiências, mas as reelabora, reconhecendo-se como sujeito pertencente a um grupo social e a um contexto cultural, aprendendo sobre si mesma e sobre as pessoas e suas relações no mundo, bem como os significados culturais do meio em que está inserida. Além disso, o brincar é um dos pilares da constituição das culturas da infância, compreendidas como significações e formas de ação social específicas que estruturam as relações das crianças entre si, bem como os modos pelos quais interpretam, representam e agem sobre o mundo (BORBA, 2006).

Constatei, também, que tanto as meninas quanto os meninos resistiam em se adequar a algumas regras e normas da sala, o que me possibilitou compreender como elas vão explorando os espaços e as situações. Elas e eles sabem que nem sempre a vigilância e o controle por parte dos adultos vão impedi-los de burlar e realizar os seus desejos pessoais, como ir ao banheiro, beber água ou sair da sala para dar uma “voltinha” na escola. A “fuga” é uma forma de expor que a criança pode transgredir o que não é permitido, resistindo às regras que lhes são impostas no universo escolar.

A observação e a intervenção descrita neste trabalho nos indicam que gênero está presente na educação infantil e que, geralmente, é trabalhado na perspectiva da estereotipação das diferenças entre meninos e meninas. Essa perspectiva deve ser desmistificada, pois ela contribui para a perpetuação de preconceitos, de práticas discriminatórias e de violências de gênero.

Na sequência, apresentamos algumas ideias sobre como as questões de gênero podem ser problematizadas no contexto escolar na perspectiva da equidade de gênero.

- As crianças devem ter a oportunidade de brincar com diferentes tipos de brinquedos e atividades sem a estereotipação de que é coisa de menino ou menina (por exemplo, bonecas, carrinhos, brincadeiras de faz de conta e esportes) para aumentar o repertório de habilidades da criança.
- Criar ambientes alegres que atraiam tanto os meninos quanto as meninas, em vez de espaços para brincadeiras específicas a um só gênero (por exemplo, brincadeiras de faz de conta e blocos de construção).
- Evitar fazer comentários que refletem estereótipos de gênero (por exemplo, as “meninas devem se comportar bem” ou “os meninos não devem chorar”).
- Questionar os preconceitos e os estereótipos de gênero das crianças (por exemplo, com afirmações tais como “alguns meninos gostam de brincar de casinha”, “as meninas também podem ser boas jogadoras de futebol”).
- Expor às crianças modelos contrários aos estereótipos, tais como: pais que cuidam da casa, homens enfermeiros, mulheres policiais, mulheres motoristas de caminhão, etc., oferecendo inúmeras oportunidades de escolhas.

Segundo Graupe (2014), a pedagogia da equidade de gênero pretende oferecer aos meninos e às meninas condições para que possam descobrir e desenvolver seu pleno potencial. Para que a pedagogia da equidade possa ser posta em prática é necessário que as

professoras tenham conhecimentos sobre as relações de gênero e as diferenças culturais existentes na escola, e a consciência de que a forma como estas são entendidas e trabalhadas ou ignoradas, influenciam no desenvolvimento cognitivo, social e afetivo das estudantes.

Desde muito cedo vão sendo transmitidos padrões de comportamentos diferenciados para meninas e meninos, problematizar estes papéis atribuídos para cada sexo, pode contribuir para a construção de direitos iguais para mulheres e homens, para a oportunidade de acesso e desenvolvimento em todos os campos.

Assim sendo, a Educação Infantil que tem um vínculo direto com a criança, deve ter como um de seus papéis mostrar a diversidade que está ao redor de cada um, com suas semelhanças e diferenças, de maneira lúdica e prazerosa. Sabe-se que a consolidação dos conhecimentos depende dos significados que eles carregam em relação à experiência social das crianças e dos adultos, observando a importância que têm na vida de cada criança, isso reforça a importância de abordar o tema gênero no contexto escolar.

Enfim, esperamos que as questões de gênero possam ser levadas para a Educação Infantil e que as professoras possam abordar de maneira lúdica e descontraída diversos assuntos referentes ao tema. A questão de gênero deveria ser abordada nas escolas, de forma a possibilitar a valorização, desde pequenos, dos direitos iguais para meninas e os meninos, desvinculando os tabus e os preconceitos.

O mundo das crianças precisa desconstruir as relações estabelecidas de gênero. Os brinquedos e brincadeiras não devem ser relacionados a significados femininos e masculinos. Para as professoras é preciso à compreensão de que na brincadeira não existe fronteiras para o que é ou não permitido para cada gênero. Nessa concepção, o significado das brincadeiras e dos brinquedos é atribuído pelos adultos, para que as crianças reproduzam e sejam o que a sociedade deseja, para que possam exercer os papéis existentes na separação de gênero. Conseqüentemente, o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens (SAVIANI, 1991, p. 17).

REFERENCIAS

ALMEIDA, Ordalia Alves. **O lugar da infância no contexto histórico-educacional**. Cuiabá: Edufmt, 2006.

AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola**. São Paulo: Contexto, 2006.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo sexo – fatos e mitos**; tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.

BORBA, Ângela M. **O brincar como um modo de ser e estar no mundo**. In: BRASIL, MEC/SEB Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade/ organização Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Rangel, Aricélia Ribeiro do Nascimento – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n 9394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2008.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. Pequena infância, educação e gênero: subsídios para um estado da arte. **Cadernos Pagu** (26), Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/Unicamp, 2006, pp.279-288.

FINCO, D. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. In: **Pro-Posições**, Campinas, v.14, n.3, p.89-101, set./dez.2003.

GARDNER, H. **A criança pré-escolar: como pensa e como a escola pode ensiná-la**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GRAUPE, Mareli Eliane. Pedagogia da equidade: gênero e diversidade no contexto escolar. In: MINELLA, Luzinete Simões; ASSIS, Gláucia de Oliveira; FUNK, Susana Bornéo; (Org.). **Políticas e fronteiras: desafios feministas**. 1ed.Tubarão: Gráfica Copiart Editora, 2014, v. V.2, p. 389-410.

GROSSI, Miriam Pillar. **Identidade de gênero e sexualidade**. Antropologia em 1a mão, Florianópolis, UFSC/PPGAS, 1998.

KRAMER, S. **Direitos da criança e projeto político pedagógico de Educação Infantil**. In. BASILIO, L. C., KRAMER, S. Infância, Educação e Direitos Humanos. São Paulo: Cortez, 2003 a, p. 51-82.

_____. **Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie**. In. BASILIO, L. C., KRAMER, S. Infância, Educação e Direitos Humanos. São Paulo: Cortez, 2003 b, p. 83-106.

KUHLMANN JUNIOR, Moysés. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediação, 2001.

KRAMER, Sônia. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce**. Rio de Janeiro: achianol, 1992.

_____. **Direitos da criança e projeto político pedagógico de educação infantil**. In: BAZÍLIO, Luiz Cavalieri; KRAMER, Sonia. *Infância, educação e direitos humanos*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

LEONTIEV, A. N. **Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar**. In: VYGOTSKY, L.S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. 8.ed. São Paulo: Ícone, 2001

LEONTIEV, A. N. **Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil**. In: VYGOTSKY, L.S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. 8.ed. São Paulo: Ícone, 2001

LOSACCO, Sílvia. **O jovem e o contexto familiar**. In: ACOSTA, Ana Rojas; VITALE, Maria Amália Faller (Orgs.). *Família: redes, laços e políticas públicas*. 3º Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

LOURO, Guacira. **Gênero e magistério: identidade, história e representação**. In: CATTANI, Denise et al. (Org.). *Docência, memória e gênero. Estudos sobre formação*. São Paulo: Escrituras, 1997.

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

MARTINS, Ligia Márcia. **Brincadeira de Papéis Sociais na Educação Infantil: as contribuições de Vygotski, Leontiev e Elkonim**. Org. Arce Alessandra e Duarte Newton. São Paulo: Xamã, 2006.

MAZZOTTI, T. **Análise retórica do discurso como proposta metodológica para as pesquisas em representações sociais**. *Revista Educação & Cultura Contemporânea*. Rio de Janeiro. v. 1. n. 2; 2º sem. de 2004. 81/108. dez. 2004.

MELO, Sônia Maria Martins. **Corpos no Espelho: a percepção da corporeidade em professores**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2004.

OLIVEIRA, de Fabiana; TEBET, **Gabriela Guarnieri de Campos; Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola. (COMPLETAR**

RAUEN, Fábio José. **Roteiros de investigação científica**. Tubarão: Unisul, 2002.

ROCHA, Eloísa. **Infância e educação: delimitações de um campo de pesquisa**. Educação, Sociedade e Culturas. Porto, Portugal: Afrontamento, 2002.

SAYÃO, D. T. **A construção de identidades e papéis de gênero na infância:** articulando temas para pensar o trabalho pedagógico da Educação Física na educação infantil. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 5, p. 1-14, 2001-2002.

SCOTT, Joan. Gênero: **uma categoria útil de análise histórica.** *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995.

VIANNA, Cláudia; UNBEHAUM, Sandra. **Gênero na educação básica: quem se importa? Uma análise de documentos de políticas públicas no Brasil.** *Educação & Sociedade*, vol. 27, nº 95, maio-ago. 2006

VYGOTSKY, Lev. Seminovich. **Psicologia Pedagógica.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.
_____. **O papel social do brinquedo no desenvolvimento.** In: *A formação social da mente*. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996: 121-137.

WILLIAMS, C. **Still a man's world: men who do "woman's work".** London: University of California, 1995.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: Primeiras aproximações.** 2. ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1991.

SAYÃO, D. T. **Infância, prática de ensino de Educação Física e Educação Infantil.** Educação do corpo e formação de professores. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

_____. Pequenos homens, pequenas mulheres? Meninos, meninas? Algumas questões para pensar as relações de gênero e infância. In: **Pro-Posições**, Campinas, v.14, n.3, p.67-87, set./Dez.2003.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-100, jul. /dez. 1995.

STOLLER, Robert. **Masculinidade e feminilidade** (apresentações de gênero). Porto Alegre: Artmed, 1993.